

PRODUÇÃO DE JUTA

Uma quantidade superior a 95% da juta consumida no mundo procede da Índia, não obstante absorver este país mais de 50% de sua própria produção. As guerras civis que ali se têm verificado nos últimos anos e que deram ensejo à independência do Paquistão, determinaram, por sua vez, profundas modificações político-econômicas na região de Bengala. Essas perturbações muito contribuíram para a escassez de juta nos mercados internacionais e para a rápida elevação do preço da tonelada que, de 20 libras em 1935, passou a 106, atualmente, isto é, um aumento de 530%, ou, levando em conta a depreciação da libra, de 420%.

Em consequência dos distúrbios políticos ocorridos no Oriente, deixou o Brasil de receber, com regularidade, a juta indiana, o que determinou imediatamente profundas perturbações no ritmo da nossa produção de aniagem, cujos reflexos se fizeram sentir, de maneira desfavorável, na economia agro-industrial do país, principalmente, em São Paulo.

Nestas condições, procuraram os industriais paulistas intensificar a produção de juta na Amazônia, onde os nipônicos, antes da última guerra, conseguiram realizar notável trabalho de aclimação da juta indiana, com bons resultados econômicos. Tal incentivo permitiu àquela região nova fonte de rendas, capaz de, se convenientemente amparada e desenvolvida, transformar o Brasil, de país importador em exportador dessa matéria prima.

ABASTECIMENTO DE JUTA NO BRASIL - PERÍODO 1941-1948

A N C	IMPORTAÇÃO DA ÍNDIA (em toneladas)	PRODUÇÃO DA AMAZÔNIA (em toneladas)
1941	8 704	957
1942	16 634	3 171
1943	8 275	5 181
1944	16 279	6 221
1945	13 900	6 464
1946	12 958	8 088
1947	12 958	6 286
1948	27 760	9 000

PRODUÇÃO NACIONAL

Analisando-se as possibilidades da Amazônia, que é a região mais indicada para as culturas de juta, chegaremos aos seguintes resultados:

Quanto às condições ecológicas, a produção de fibra limpa, ali obtida, varia de 1 200 a 2 000 quilos por hectare, ou seja, superior, em média, à obtida na Índia. Isto contribui para que se tornem lucrativas as

culturas desse têxtil naquela região, onde, segundo dados apresentados por lavradores nipônicos, se obtém, com a despesa de 2 500 cruzeiros por hectare, uma produção (na base de 1 200 quilos por hectare e ao preço corrente de seis cruzeiros por quilo) no valor de 7 200 cruzeiros.

Quanto às condições técnicas, já se vêm notando os efeitos dos serviços federais e estaduais, que procuram, agora e com o auxílio de alguns remanescentes nipônicos, intensificar a produção em bases técnicas. Em 1948, foram distribuídas cerca de 15 toneladas de sementes selecionadas, esperando-se no corrente ano uma disponibilidade de mais de 50 toneladas de sementes. - Distribuída convenientemente, esta quantidade poderá cobrir, por sua vez, uma área de 16 000 hectares, o que permitirá, em 1950, uma produção de fibra nunca inferior a 20 000 toneladas - equivalente a mais de 50% do consumo da indústria nacional de aniação. Como complemento ao trabalho dos técnicos agrícolas, torna-se necessário o financiamento direto da lavoura ou das firmas comerciais idôneas, pois a grande maioria dos jaticultores não tem capacidade para estabelecer negócios diretos com as nossas instituições bancárias.

O comércio da juta nacional ressen-te-se de um serviço eficiente de classificação do produto, o que muito tem contribuído para sua depreciação nos centros industriais. Além disso, os impostos e fretes que incidem sobre essa matéria prima são excessivos - cerca de 43% do seu valor venal.

CONDIÇÕES HUMANAS

Eis, sem dúvida alguma, a parte mais delicada do problema. A juta, pelas suas condições peculiares de produção, exige grande número de braços a baixo salário, a fim de tornar compensadora sua exploração. Daí, ter-se transformado a Índia, praticamente, no único exportador mundial dessa fibra.

Tendo em vista a falta de braços na Amazônia, surge novamente a idéia de promover a imigração de agricultores asiáticos, por serem estes elementos os mais indicados para o meio em questão. Pensam os técnicos na possibilidade de instalar na Amazônia duas colônias indonésias, com capacidade para 500 famílias cada uma e que se dedicarão à cultura de juta, arroz, gergelim e à formação de granjas leiteiras.

Evidentemente, tal plano abrange problemas que ultrapassam o aspecto puramente econômico. Mesmo sob este aspecto, resta considerar se o Brasil, que luta para melhorar a situação social de sua população rural, deverá entrar em competição com uma economia estrangeira caracterizada por um padrão de vida extremamente baixo.